

“O Doido e a Morte” e três obras vocais de Alexandre Delgado

Toy Ensemble

ÓPERA E MÚSICA VOCAL DE CÂMARA

31 de julho de 2022 • 21h30

Cine-teatro de Alcobaca – João d’Oliva Monteiro

Programa

1.ª Parte

Alexandre Delgado (1965 –)

Tríptico Camoniano, trio com piano e tenor

I. Com que voz chorarei

II. Erros meus, má fortuna

III. Memória do meu bem

Carlos Guilherme, *tenor*

Jorman Torres, *violino*

Jed Barahal, *violoncelo*

Christina Margotto, *piano*

Alexandre Delgado

Es Lisboa una Octava Maravilla (Tirso de Molina),
ensemble e barítono

Jorman Torres, *violino*

Jed Barahal, *violoncelo*

Ana Maria Ribeiro, *flauta*

João Moreira, *clarinete*

Christina Margotto, *piano*

Luis Rodrigues, *barítono*

Alexandre Delgado

Ciclo Quinhentista, quinteto de cordas e mezzo-soprano

I. Quando se envolve o céu (António Ferreira)

II. Queimado sejas tu e teus enganos (D. Manuel de Portugal)

III. Ausente, pensativo e solitário (Estêvão Rodrigues de Castro)

IV. Bem sei, Amor, que é certo (Luís de Camões)

V. Lágrimas costumadas (António Ferreira)

Jorman Torres, *violino*

David Wyn Lloyd, *violino*

Alexandre Delgado, *viola*

Jed Barahal, *violoncelo*

Pedro Levandeira, *contrabaixo*

Susana Teixeira, *mezzo-soprano*

2.ª Parte

Alexandre Delgado

O Doido e a Morte

Ópera de Câmara em um ato para tenor, barítono, mezzo e nove instrumentos (flauta, clarinete, clarinete baixo, fagote, cravo, violino, viola, violoncelo, contrabaixo) baseada na farsa de Raul Brandão, música e adaptação do texto de Alexandre Delgado.

Ficha artística

Alexandre Delgado, *direção*
Salmo Faria, *encenador e ator*
Carlos Guilherme, *tenor*
Luís Rodrigues, *barítono*
Susana Teixeira, *meio-soprano*
Carla Rincon, *violino*
Jorman Torres, *violino*
Jed Barahal, *violoncelo*
David Wyn Lloyd, *viola*
Pedro Levandeira, *contrabaixo*
João Moreira, *clarinete*
Tiago Bento, *clarinete baixo*
Vera Dias, *fagote/contra fagote*
Ana Maria Ribeiro, *flauta sol/flautim*
Christina Margotto, *cravo*

Biografias

Raul Brandão

Raul Brandão (1867-1930) é o grande modernista português na prosa de ficção. Ficcionalista de personagens patéticas e grotescas na incapacidade de delinearem o seu sonho, ou infames no modo de o trair (*A Farsa*, 1903, *Os Pobres*, 1906), é no romance *Húmus* (1917) que melhor explora a dimensão larvar da pequenez humana, encenando a tragédia da luta da “vila” pelo seu “sonho”, e utilizando processos de desconjuntamento do tempo narrativo que antecipam o trabalho discursivo da ficção de hoje. Na mesma linha escreveu peças de teatro como *O Gebo e a Sombra* (1923) e *O Doido e a Morte*, farsa em um ato de 1923, estreada no Teatro Politeama em 1926.

Alexandre Delgado

Alexandre Delgado (n. Lisboa 1965) diplomou-se em violino e composição como aluno externo do Conservatório Nacional de Lisboa em 1983. Aluno particular do compositor Joly Braga Santos entre 1981 e 1985, aos 17 anos estreou o seu *Prelúdio para cordas* pela Orquestra Sinfónica da RDP, no Teatro de São Luiz, em Lisboa. Entre 1986 e 1989 estudou com Jacques Charpentier em Nice (França), como bolseiro da Secretaria de Estado da Cultura. Diplomou-se em 1990 com o 1.º Prémio de Composição do Conservatório de Nice, cidade cuja Orquestra Filarmónica estreou o seu *Concerto para Flauta*. De regresso a Portugal, *Antagonia para violoncelo* (1990) foi selecionada para os Dias Mundiais da Música na Cidade do México, o seu *Quarteto de Cordas* (1991) foi gravado em CD pelo Quarteto Arditti, *Langará* para clarinete e *The Panic Flirt* para flauta (1992) tornaram-se peças de repertório a nível internacional. Com encomendas regulares de festivais e instituições do país e do estrangeiro, a sua produção abarca a música orquestral e concertante, a música de câmara, a música vocal e a ópera.

O momento mais decisivo da sua carreira foi a estreia da ópera de câmara *O Doido e a Morte* no Teatro Nacional de São Carlos em Lisboa, em 1994, aclamada pela crítica, obra que foi convidado a dirigir na Alemanha (Theater Am Halleschen Ufer, Berlim) e no Brasil (Theatro da Paz,

Belém do Pará). Somando um total de 10 produções, a obra foi editada em CD e publicada, como a maior parte da sua produção, pela AVA Editions. Projetando formar uma *Trilogia da Loucura*, a sua ópera em dois atos *A Rainha Louca* (2009, inspirada na figura histórica de D. Maria I) foi estreada sob sua direção no Centro Cultural de Belém, em 2011, e no Festival Internacional de Belém do Pará, em 2016. As suas cantatas *O Pequeno Abeto* e *O Soldadinho de Chumbo*, baseadas em Andersen, foram estreadas em Lisboa e no Porto com mais de 200 crianças em palco. Em 2019, estreou no CCB a sua versão musical-teatral de *Rei Lear*. Entre as suas estreias mais recentes contam-se *Samambaia* para quinteto com acordeão (2020), *Melopeia* para orquestra de sopros (2021) e *Os Ingleses Fumam Cachimbo* para mezzo e grupo instrumental (2021).

Como violetista, Alexandre Delgado estudou com Barbara Friedhoff, diplomou-se em França e foi membro da Orquestra Juvenil da Comunidade Europeia, onde tocou sob a direção de Claudio Abbado e Zubin Mehta. Vencedor do Prémio Jovens Músicos em 1987, estreou como solista o seu *Concerto para Viola e Orquestra* (1999) em Portugal, em Espanha e na Holanda. Foi membro da Orquestra Gulbenkian (1991-1995), do Quarteto Lacerda (1990-2004) e do Quarteto com Piano de Moscovo (2005-2021). Foi também crítico musical do Público (1992-2001) e diretor artístico do Cistermúsica - Festival de Música de Alcobça (2002-2018), no âmbito qual promoveu importantes estreias modernas e estreias absolutas. Convidado habitualmente como palestrante, assina o programa semanal *A Propósito da Música*, emitido pela Antena 2 da RTP desde 1996. É autor dos livros *A Sinfonia em Portugal*, *A Culpa é do Maestro* e *Luís de Freitas Branco*, publicados pela Caminho/Leya. Fez versões portuguesas das óperas *Die Zauberflöte* de Mozart, *Hänsel und Gretel* de Humperdinck e *The Little Sweep* de Britten que são levadas à cena com regularidade.

Carlos Guilherme, tenor

Nasceu em Lourenço Marques, Moçambique. Estudou com John Labarge no Conservatório Regional do Algarve e foi cantor residente do Teatro Nacional de S. Carlos de 1980 a 1992. O seu repertório inclui 50 papéis principais em 84 óperas, recitais e concertos por todo o país, sendo de realçar a sua colaboração com o Círculo Português de Ópera e a Fundação Calouste Gulbenkian. A partir de 1987 foi convidado a cantar noutros países tais como os Estados Unidos, Brasil, Moçambique, Bélgica, França, Espanha e Israel. Gravou em CD *A Canção Portuguesa*, com Armando Vidal. Lançou recentemente o CD *IN OPERA* com árias de ópera acompanhado pela Orquestra do Norte. Além das principais orquestras portuguesas, colaborou com a O. de Câmara de Pádua, do Comunal de Bolonha, Filarmónica de Moscovo e Sinfónicas de Budapeste, S. Francisco, Israel, Pequim e Xangai. Em abril de 2001 estreou-se em Itália no Teatro Rossini. Voltou a Itália em 2005 para cantar nos Teatros Comuns de Ferrara e de Modena. Atuou em Coimbra com o tenor José Carreras. A 8 de junho de 2016 ano apresentou-se em Roma em recital integrado numa Mostra de Arte Portuguesa, com um programa inteiramente consagrado a compositores portugueses,

acompanhado ao piano pelo maestro Armando Vidal. Melhorou a sua técnica vocal com Marimi del Pozo, Gino Becchi, Franco Campogalliani, Claude Thiolass e Regina Resnik. Venceu o prémio “Tomas Alcaide”. Encontra-se no 37.º ano de carreira profissional.

Luís Rodrigues, barítono

Estudou no Conservatório Nacional com José Carlos Xavier e na Escola Superior de Música de Lisboa com Helena Pina-Manique. Ganhou o 2.º Concurso de Interpretação do Estoril, o 4.º Concurso de Canto Luísa Todi e o Prémio Jovens Músicos da RDP em Música de Câmara, com o pianista David Santos. Luís Rodrigues tem vindo a construir em Portugal uma sólida carreira no domínio da Ópera, com papéis como Figaro (*Il barbiere di Siviglia*), Guglielmo, Albert, Nick Shadow, Sharpless, Escamillo, Gianni Schicchi, Beuperthuis, Sulpice e Don Profondo no Teatro Nacional de São Carlos, Mr. Gedge (*Albert Herring*) e Eduard (*Neues vom Tage*) no Teatro Aberto, Semicúpio (*Guerras do Alecrim e Mangerona*) no Acarte, Teatro da Trindade e Teatro Nacional D. Maria II (Prémio Bordalo da Imprensa 2000 para Música Erudita), Marcello (*La Bohème*) com o Círculo Portuense de Ópera e a Orquestra Nacional do Porto no Coliseu desta cidade, Tom (*The English Cat*) com a Cornucópia e a ONP no Rivoli e TNSC, Guarda Florestal (*A Raposinha Matreira*) com a Casa da Música no Rivoli, Papageno, Ramiro (*L'Heure Espagnole*) e Sumo Sacerdote (*Sansão e Dalila* — versão de concerto) na Fundação Calouste Gulbenkian, Yoshio (*Hanjo*) na Culturgest, Arsénio (*La Spinalba*) e Marcaniello (*Lo frate 'nnamorato*) com os Músicos do Tejo no CCB e Giorgio Germont, Iago e os papéis titulares de *D. Giovanni* e *Rigoletto* com a Orquestra do Norte. Como solista de Oratória apresentou-se em vários programas com a Orquestra Metropolitana de Lisboa e o coro Lisboa Cantat ou o Coral de S. José (Ponta Delgada), a ONP e o Coro da Sé Catedral do Porto, ou com o Coro e Orquestra Gulbenkian. Interpretando Música de Câmara tem vindo a colaborar com os pianistas David Santos, Nuno Vieira de Almeida, Jaime Mota e João Paulo Santos e com agrupamentos como o Drumming e o Remix Ensemble, tendo-se também apresentado nos ciclos orquestrais *Kindertotenlieder* com a ONP e *Lieder eines fahrenden Gesellen* e *Poème de l'amour et de la mer* com a Orquestra Sinfónica Portuguesa. Intérprete de reconhecida versatilidade, é também frequentemente solicitado para estrear obras de Música Contemporânea.

Susana Teixeira, soprano

Completo o Curso Superior de Canto do Conservatório Nacional de Lisboa. Posteriormente foi bolsreira da F. C. Gulbenkian, na Escuela Superior de Canto de Madrid, e é licenciada pela Escola Superior de Música de Lisboa. Realizou cursos de aperfeiçoamento, tendo neste âmbito trabalhado com Max von Egmont, Kurt Equiliz, Paul Esswood, Ludmilla Andrews e Norman White, Liliana Bizineche, Gundula Janovitz, Nico Castel, Jill Feldman, Ileana Cotrubas, Lorraine Nubar, Dalton Baldwin e Richard Miller, Rudolf Knoll e Enza Ferrara. Desempenhou, no Teatro Nacional S. Carlos, vários personagens em óperas de Kurt Weill, Prokofiev,

Bernstein, Puccini, Wagner, Mozart, Augusto Machado, Henze, Stravinsky, Schubert, Rossini, Schumann e Britten. Atuou nos principais festivais de música portugueses incluindo Macau e Açores. Cantou excertos da ópera *Carmen* de Bizet em Lisboa e no Porto com a Royal Philharmonic Orchestra. Participou diversas vezes nos Dias da Música do Centro Cultural de Belém. É professora de Canto no Conservatório Silva Marques em Alhandra e no Conservatório de Artes do Orfeão de Leiria. Pertence há vários anos ao grupo de música medieval Vozes Alfonsinas assim como ao grupo GMCL - Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e tem vários CD gravados com ambos. Em 2016 cantou em versão concerto, a ópera *O Doido e a Morte* de Alexandre Delgado com a Orquestra Metropolitana de Lisboa e foi em digressão ao Brasil com a ópera *A Rainha Louca*, também de Alexandre Delgado. Participou no Festival de Música de Leiria e realizou concertos em Copenhaga, Milão e Londres com o GMCL.

Salmo Faria, encenador e ator

Natural do Brasil, iniciou a atividade teatral como ator em 1979 e concluiu o Curso de Teatro da Universidade Federal de Minas Gerais em 1989. Frequentou cursos de dança clássica, de dança moderna e contemporânea, e de dança afro-brasileira. Residindo em Portugal desde 1990, frequentou workshops de dança com João Fiadeiro, Rui Horta e Sofia Neuparth e licenciou-se em História de Arte na Faculdade de Letras de Lisboa em 1999. Em Lisboa, foi encenador dos espetáculos *O Veredicto*, *Dez Metros Adiante de Boris Vian*, *Metamorphosis*, *Será Deus o Doutor Freud?*, *A Confissão de Bernardo Santareno*, *As Pulgas de Cunha de Leiradella*, *A Cantora Careca*, *A Boda de Brecht*, *Esta Noite Improvisa-se de Pirandello*, *As Três Cidras do Amor* e *A Birra do Morto*. Encenou em 2005 a ópera *As Variedades de Proteu* de António José da Silva e António Teixeira. Foi assistente de encenação e responsável pelo trabalho de corpo em vários outros espetáculos teatrais. Criou os figurinos e os cenários para várias peças, entre as quais *O Veredicto*, *Um Processo*, *Cerimonial para um Massacre*, *Dez Metros Adiante*, *Metamorphosis* e *Será Deus o Doutor Freud?*. Dirigiu workshops de movimento e expressão corporal nas Universidades de Salamanca (1998), de Orense (1988) e do Minho (1999). Foi professor de movimento e expressão corporal dos grupos GTL, Teatro Praga e Kula, assim como no Centro de Formação de Emprego, Artes Gráficas e Multimédia. Lecionou na Escola de Teatro e Televisão Arte 6 (Universidade Independente) e foi assistente de Irene Cruz na Universidade Moderna. Foi professor de teatro e expressão corporal na Fundação LIGA. Completou em 2013 o Mestrado de Teatro e Comunidade na Escola Superior de Teatro e Cinema com a tese: *Deficiência, Autonomia e Teatro*. Leciona, desde 2010, Teatro e Expressão Corporal no Instituto Politécnico de Leiria.

Toy Ensemble

Tem como objetivo promover a divulgação e a expansão do cânone da cultura lusófona nas vertentes da música, literatura e artes visuais, apresentando obras que pertencem ao universo da literatura e música contemporâneas, articulando performances com artes cénicas e visuais.

Apresentam-se em formações variadas atendendo às necessidades e exigências das obras propostas com músicos de destaque no panorama musical português. Desde a sua criação em 2015 conta com diversas atuações em importantes salas e festivais em Portugal e no exterior. Com apoio da DGArtes (2015), realizaram uma digressão por cinco estados do Brasil onde se apresentaram em festivais e importantes salas nas cidades de Belém, Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Espírito Santo. O êxito destas apresentações proporcionou o convite para participar no XXIX FIMUPA Belém do Pará (2016) onde realizaram três récitas da ópera *A Rainha Louca* de Alexandre Delgado. Em 2017, nos Dias da Música no CCB de Lisboa, apresentaram a ópera *O Doido e a Morte* de Alexandre Delgado, e com apoio da DGArtes voltaram ao Brasil para o XXX FIMUPA, Brasil, com obras dos compositores residentes João Ripper, Fernando Lapa e Alexandre Delgado. Em 2018 com o apoio da embaixada do Brasil fez a estreia em Portugal da ópera *Domitila* de João Guilherme Ripper no Cisternmúsica - Festival de Música de Alcobça, Cine-Teatro de Castelo Branco e no XXXI FIMUPA no Brasil. Em 2018 estreia a *Trilogia das Barcas* de Gil Vicente, com música de Fernando Lapa nos Dias da Música do CCB em Lisboa. Em 2019 estreia de *Rei Lear* de Shakespeare - Alexandre Delgado nos CCB Dias da Música, ainda a estreia de *És Lisboa Uma Octava Maravilha* de Alexandre Delgado e *Dois Personagens Portugueses* de Rui Coelho no Festival Internacional da Póvoa do Varzim. Realizou a primeira gravação de *Domitila* de João Guilherme Ripper (MPMP) com o apoio da Antena 2 e a gravação da *Trilogia das Barcas* de Gil Vicente, com música de Fernando Lapa, e o apoio da DGArtes e AVA Editions.

A *Trilogia das Barcas* de Gil Vicente, com música de Fernando Lapa, recebeu ainda apoio à Internacionalização em 2018 e Projetos e Edição em 2021 pela DGArtes.

O Doido e a Morte recebeu apoio a internacionalização pela DGArtes para digressão no Brasil em 2022 - Sala Cecília Meireles no Rio de Janeiro a 12 de agosto de 2022 e em Espanha no Festival Pórticos do Atlântico de 2023.

Notas de programa

O Doido e a Morte é um clássico do teatro português do século XX. No período convulsionado da 1.ª República, em que os governos caíam ao ritmo das greves sindicais e das bombas anarquistas, Raul Brandão (1867-1930) partiu de uma anedota burlesca para lhe dar uma dimensão metafísica e trágica, em que a loucura é sinónimo de excesso de lucidez. Nesta farsa, publicada em 1923 e estreada no Teatro Politeama em 1926 pelo famoso ator Alves da Cunha, um governador civil é visitado pelo Senhor Milhões, o “homem mais rico de Portugal”, que traz uma caixa com “o mais formidável explosivo” e lhe anuncia que vai estoirar com a capital “dentro de vinte minutos”. Num diálogo entre o cómico e o profundo, o prosaico e o transcendente, Milhões fala da injustiça e do absurdo da vida e expõe a vacuidade pomposa do governador. Reduzido à insignificância, este é abandonado pela própria mulher. Depois de um monólogo de desesperada lucidez de Milhões, este carrega no botão e algo acontece de inesperado.

Esta ópera de câmara, encomendada por João Paes para a programação de Lisboa 94 – Capital Europeia da Cultura, foi composta entre julho e dezembro de 1993 e estreada a 9 de novembro de 1994 no Salão Nobre do Teatro Nacional de São Carlos. Destinada a três cantores, um ator e nove instrumentos, divide-se em prólogo, oito variações e um epílogo. Cada número contrapõe dois grupos de instrumentos, que se opõem antes de se combinarem, num percurso de tese, antítese e síntese.

O *Prólogo* representa o caos do mundo, opondo quarteto de sopros (flauta contralto, clarinete, clarinete baixo e contrafagote) e quarteto de cordas (violino, viola, violoncelo e contrabaixo). O tema inicial, apresentado pelo clarinete, contém os motivos que estão na base de todos os temas. Cada instrumento traz o seu tipo de obsessão particular, juntando-se em cacofonia até que o clarinete impõe ordem e conduz à 1.ª *Variação*.

O Governador (tenor) está no seu gabinete, a compor uma ópera (em que plagia uma cena da cigana Azucena, do *Trovador* de Verdi). Sente-se inspirado e chama o polícia Nunes (ator) para o avisar que não quer ser interrompido. Cordas e sopros vão alternando frases cada vez mais curtas, até todos se sobreporem; nesse momento reaparece Nunes, fazendo o governador explodir de fúria. A orquestra torna-se ensurdecadora, enquanto Nunes anuncia que “está ali o Senhor Milhões”.

O nome do visitante espoleta um glissando ascendente do cravo, instrumento “de outro mundo”, cujo *perpetuum mobile* serve de base à 2.ª *Variação*. O Governador queixa-se de ser um génio incompreendido num país que “é uma selva”. Ao perceber que o visitante vem recomendado pelo Primeiro-Ministro, indica que “mande já entrar” e, num final valsante, prepara-se para a visita do “homem mais rico de Portugal”.

Na 3.ª *Variação*, o Senhor Milhões (barítono) entra na sala ao som de *pizzicatos* jazzísticos do contrabaixo, a que o violoncelo acrescenta algum *stress*. Traz consigo uma caixa que liga com um fio elétrico até à campainha da mesa do governador; a flauta e o clarinete pontuam as suas considerações sobre o “peróxido de azoto”, com que irá fazer explodir “o prédio, o bairro, a capital”. O Governador vai ficando nervoso e vai chamando por Nunes enquanto os instrumentos se misturam. Com a entrada do polícia, começa uma coda frenética: o governador aponta para a caixa de “dinamite” e diz que traga os colegas para agarrar o doido ao seu sinal. O Senhor Milhões ordena-lhe que se sente: ele é “rei, imperador, Deus” e pode fazer uma hecatombe. Mas o Governador pede-lhe uma explicação.

Na lenta 4.ª *Variação*, com cravo e clarinete baixo, o Senhor Milhões conta que um dia, ao passear pelo quintal, viu o mundo “não como todos o vêem, mas como ele é na realidade”. O Governador vai dizendo o sinal que combinou com Nunes, até espreitar pela porta e constatar que todos os polícias fugiram do edifício. “Fazendo saltar o globo”, diz Milhões, “suprimo os gritos e todas as injustiças; suprimo a morte.”

Na 5.ª *Variação* o Governador defende a ordem, a lei e a autoridade ao som de contrafagote, flauta e contrabaixo; o sr. Milhões fala-lhe da Arte e da maravilha de “ser

pulverizado” e “viajar nas nuvens”, ao som de harmónicos das cordas. Depois de um assomo clerical do “doido”, os seus instrumentos tornam-se exuberantes, enquanto os do Governador são “pulverizados”.

A entrada da mulher do Governador, Aninhas (meio-soprano), dá início à animadíssima **6.ª Variação**, que opõe contrabaixo e violoncelo com arco aos dois clarinetes. Espantada por ver o edifício vazio, Aninhas vem à procura do livro de cheques; ao perceber o que se passa, só quer fugir. O Governador lembra-lhe a sua promessa de um dia morrer com ele; num arioso com fagote e *pizzicatos*, ela diz-lhe que nunca morreria “como as mulheres da Índia, numa pira”: a sua religião é católica. As três vozes e os oito instrumentos juntam-se num final “rossiniano”: o Governador pede à mulher que lhe faça uma lápide a letras de ouro, Aninhas diz-lhe que morra em paz e o Senhor Milhões cantarola, até que Aninhas sai correndo e gritando por um táxi.

A **7.ª Variação** começa com um silêncio estilhaçado; glissandos imitam as gaivotas da cidade deserta, cromatismos sugerem a raiva do Governador, ruídos vocais espelham a “loucura” do Senhor Milhões. “Todos os homens que fizeram alguma coisa no mundo, eram doidos”, diz Milhões, enquanto todos os sons se misturam. “Mas tu quem és, ó supremo canalha?”, pergunta-lhe o outro; o Senhor Milhões põe-se de pé, altivo e transfigurado: “Eu sou o Doido! Eu sou a Morte!”

Um glissando descendente do cravo faz juntar os nove instrumentos pela primeira vez em uníssono, num som longo e inexorável: na **8.ª Variação**, o Senhor Milhões fala mortalmente a sério. “Estou farto! Farto de me vestir todos os dias, de me levantar todos os dias, dizer todos os dias que sim.” O tempo detém-se num monólogo longo e visionário, em que ele explica que vai suprimir a vida porque a vida “mete-lhe medo”; porque ao ver o que ela tem “de trágico e de grotesco”, veio-lhe “um vômito de tristeza”; e escolheu o Governador para morrer consigo. porque ele, “com as [s]uas fórmulas e o [s]eu burlesco”, é também “abjeto e inútil”.

No **Epílogo**, voltamos ao registo de farsa: todos os temas da ópera são revisitados e sobrepostos a uma velocidade alucinante. O Governador recusa-se a morrer e pede um confessor; diz que precisa de ir à casa de banho, o outro diz-lhe que “faça no outro mundo”. Até que Senhor Milhões carrega no botão, o governador reza um Pai-Nosso e...

Não revelemos o desfecho. Basta acrescentar que a última frase do governador é uma das tiradas mais célebres do teatro português.

O **Tríptico Camoniano** (2012) foi uma encomenda do Performa Ensemble, de Aveiro, para um projeto que se propunha combinar música contemporânea e fado. A minha reação à encomenda começou por ser hesitante, porque nunca fui grande entusiasta da fatalista “canção nacional” — embora sempre tenha gostado de Amália

Rodrigues e especialmente dos fados que Alain Oulman compôs para ela nos anos 60, alguns deles baseados em Luís de Camões (1525-1580). Curiosamente, a minha primeira obra “oficial” de compositor foram *Dois Poemas de Camões* (1982). Pensando no caso, decidi compor a minha própria versão, para tenor e trio com piano, dos três sonetos de Camões que Oulman musicou para Amália: *Com que voz, Erros meus e Má fortuna*. A obra foi estreada pelo Performa Ensemble a 24 de março de 2014, no Auditório da Universidade de Aveiro. O resultado é uma mistura entre música de câmara, alusões quinhestistas e — apesar de tudo — qualquer coisa de fado.

Um pouco anterior ao *Tríptico Camoniano*, o **Ciclo Quinhentista** fez-me mergulhar na poesia da época de Dom Sebastião, o rei que conduziu Portugal ao suicídio coletivo. Explorando a transversalidade temática de que comungaram os poetas portugueses do século XVI, este ciclo de canções sobre sonetos amorosos coloca Camões na companhia dos seus coetâneos António Ferreira (1528-1569) e D. Manuel de Portugal (1516-1606), bem como do mais jovem Estêvão Rodrigues de Castro (1559-1638). A todos eles é comum a visão do amor como sofrimento e exaltação, como excruciante via iniciática do homem em demanda de si próprio. Esta obra foi encomendada por Paolo Pinamonti, para o Festival Terras Sem Sombra, e estreada pela soprano Maria Bayo e pela orquestra barroca Divino Sospino, sob a direção de Massimo Mazzeo, a 2 de abril de 2011, na Igreja Matriz de Santiago do Cacém, no Alentejo.

Es Lisboa una Octava Maravilla (2019) baseia-se num excerto da peça teatral *El burlador de Sevilla y convidado de piedra*, atribuída a Tirso de Molina, escrita entre 1612 e 1625 e publicada em 1630. A importância histórica dessa peça de teatro advém de ser a primeira sobre esse tema que Molière retomaria e que Mozart e Da Ponte transformaram num dos mais universais mitos europeus: *Don Juan*. No primeiro ato, o nobre Don Gonzalo faz ao rei de Castela uma descrição pormenorizada da cidade de Lisboa, vista do Tejo. Com o fogo de artifício verbal típico do *siglo de oro*, é um monólogo que nos faz ver a cidade que desapareceu com o terramoto de 1755: uma Lisboa náutica e sedutora, descrita com graça e poesia, em pleno período filipino. Esta versão musical para barítono, flauta, clarinete, piano, violino e violoncelo — a mesma formação de *Pierrot lunaire* de Schönberg! — procura ir ao encontro da leveza lúdica e colorida do original castelhano. Encomendada pelo Festival Internacional de Música da Póvoa do Varzim, a obra foi estreada pelo barítono Luís Rodrigues e pelo Toy Ensemble, a 23 de julho de 2019, no Auditório Municipal da Póvoa do Varzim. Em Portugal há um velho ditado que diz: “De Espanha nem bom vento, nem bom casamento”; mas esse é um preconceito indigno de dois países irmãos. Agradeço saudosamente a Giancarlo Depretis ter-me feito descobrir esta pequena pérola do teatro ibérico.

Alexandre Delgado



É expressamente proibida a captação de imagens e som durante o espetáculo. Destique o telemóvel, desfrute e grave na sua memória. Poderá rever os melhores momentos no website e nas redes sociais do festival.

Consulte a programação completa em www.cistermusica.com

